

# *O espaço habitado segundo Michel de Certeau*



Estados Unidos. 1934.

## *François Dosse*

Professor do IUFM/Créteil e do Institut d'Études Politiques/França. Autor, entre outros livros, de *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009. francois.dosse@gmail.com

## O espaço habitado segundo Michel de Certeau

The inhabited space according to Michel de Certeau

*François Dosse*

Tradução: Giovanni Ferreira Pitillo\*

Revisão técnica: Charles Monteiro\*\*

As pesquisas sobre as práticas culturais levaram Michel de Certeau a se interessar pelos estudos urbanos. A sua contribuição neste campo de estudos foi, sem dúvida, o que o tornou célebre nos Estados Unidos. As reflexões feitas em seu escritório no 110º andar do World Trade Center, em Manhattan, deram origem a múltiplas pesquisas<sup>1</sup>. Certeau não estava realmente ligado aos geógrafos e aos urbanistas, todavia mantinha relações de amizade com Françoise Choay, com quem esteve no Conselho de Desenvolvimento Cultural. No final dos anos setenta, Françoise Choay preparava uma obra teórica sobre a cidade<sup>2</sup>: *Eu discuti muito com ele este livro. Ele era um apaixonado pelas questões de espaço*<sup>3</sup>.

Do alto do World Trade Center, Certeau põe em cena uma oposição entre observadores e caminhantes. Esta oposição metaforiza a divisão instituída nas ciências sociais e tornada absoluta nos anos setenta, entre saber erudito e saber comum. Certeau parte deste postulado de uma forma crítica para desvelar as ilusões eufóricas: *Estar no alto do World Trade Center, é privar-se do contado da cidade. O corpo não está mais envolvido pelas ruas que o rodeiam de acordo com uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado*<sup>4</sup>. Diferentemente do esquema foucautiano do panóptico que permite tudo ver e tudo controlar, Certeau recoloca em seu lugar as ilusões do olhar do homem que pretendia tomar o lugar de Deus: *Não ser outra coisa que um ponto de observação, essa é a ficção do saber*<sup>5</sup>. O conhecimento panorâmico não oferece mais do que um simulacro do saber ignorante das práticas. Ele é uma duplicação da ilusão moderna da tábua rasa, da página em branco da escrita esvaziada dos traços da experiência. Os idealizadores da cidade moderna vivem a ilusão de um domínio total, transformando o *fato urbano em conceito de cidade*<sup>6</sup>. Apoiando-se nos trabalhos de Françoise Choay<sup>7</sup>, Certeau concebeu o projeto urbanístico da cidade como o resultado de três operações que trabalham conjuntamente: a produção de um espaço próprio, a distribuição de um não-tempo com relação às tradições e a *criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade*<sup>8</sup>.

O essencial foge a esta representação conceitual depurada, pois tudo se relaciona às práticas urbanas que se insinuem no interior mesmo dos procedimentos disciplinares descritos por Foucault. Certeau define bem, neste ponto, um deslocamento decisivo e explícito em relação ao esquema foucautiano: *Eu gostaria de seguir alguns destes procedimentos – multiformes, resistentes, hábeis e obstinados que fogem à disciplina sem estar por isso fora do campo em que a mesma se exerce*<sup>9</sup>. Certeau questionava, então, ao mesmo tempo a posição de Sirius e aquela de um procedimento dilemático obrigado a escolher entre as condições de possibilidade da ação e o estudo das práticas. A atenção ao cotidiano urbano permite, por si só, restituir o espaço vivido e

\* Professor do Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia/UFU.

\*\* Professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS.

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel de. *Marches dans la ville*. In: \_\_\_\_\_. *L'invention du quotidien*. Paris: Gallimard (Coll. Folio, 1980), 1990, p. 139-169.

<sup>2</sup> CHOAY, Françoise. *La règle et le modèle*. Paris: Seuil, 1980.

<sup>3</sup> Françoise Choay, entrevista com o autor.

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 140.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 140.

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*, p. 142.

<sup>7</sup> CHOAY, Françoise. *Figures d'un discours inconnu. Critique*, avril 1973, p. 293-317.

<sup>8</sup> CERTEAU, Michel de, *op. cit.*, p. 143.

<sup>9</sup> *Idem, ibidem*, p. 146.

a inquietante familiaridade da cidade. Ele conversava freqüentemente com Françoise Choay sobre utopias urbanas, concordando com uma regra sua que consistia em não seguir um modelo fixo e deixar livre curso à criatividade a partir de um certo número de princípios. Entretanto, discordavam sobre a idéia de uma perda irreversível das artes de fazer relacionada aos processos de modernização urbana. Enquanto Françoise Choay se mostra ligada à idéia da perda antropológica fundamental que representa o desaparecimento das artes de fazer tradicionais, atormentada pelo processo de mundialização e globalização, Certeau, segundo ela, *pensava e insistia, ao contrário, no fato que as pessoas que perderam estas artes de fazer contornam as dificuldades e encontram estratégias e práticas que lhes permitem afirmar-se e impor sua identidade*<sup>10</sup>.

No início dos anos oitenta Françoise Choay, dirigia um seminário do primeiro ano de Doutorado na Universidade de Paris VIII sobre os problemas de epistemologia, convidou Certeau a fazer uma palestra; ele iniciou sua reflexão sobre a urbanidade a partir do famoso texto de Freud sobre as diversas camadas temporais imbricadas da cidade de Roma<sup>11</sup>: *Este texto, eu não conhecia e o que ele disse a respeito, em sua análise da temporalidade foi muito importante para mim. Sou muito grata a ele por isso*<sup>12</sup>. Freud utiliza Roma como metáfora da memória, enquanto fonte identitária do indivíduo e sedimentação de vários momentos, da mesma maneira que poder-se-ia imaginar a cidade de Roma pela justaposição das diversas etapas constitutivas de seu desenvolvimento: *“Isto significaria então que sobre o Palatino, os palácios imperiais e o septizonium elevar-se-iam sempre à sua altura inicial; que as muralhas do castelo Saint-Ange seriam ainda encimadas por belas estátuas que as decoravam antes do cerco dos Goths... no lugar do palácio Caffarelli, que não seria obrigatoriamente demolido para isto, elevar-se-ia novamente o templo de Júpiter Capitolino, não somente na forma definitiva que contemplaram os Romanos do Império, mas também na forma etrusca primitiva...”*<sup>13</sup>.

Da mesma forma que a memória supõe o esquecimento, a cidade para existir pressupõe a demolição para se construir o novo. Este entrelaçamento de temporalidades observado por Freud, torna-se fonte de reflexão para Françoise Choay por ocasião da exposição “Da demolição” no Pavilhão do Arsenal em Paris<sup>14</sup>. A autora se baseava no texto de Freud para lembrar a necessidade histórica de todas as sociedades de demolir. Esta prática não é uma novidade que date da modernidade, visto que o monge Suger, no século XII, não hesitou em mandar destruir a basílica corolíngia de Saint-Denis. No século XVI, François I demoliu sem problemas de consciência o castelo de seus ancestrais para construir o Louvre. Evidentemente, a modernidade deu ao fenômeno uma visibilidade e um ritmo espetacular, sobretudo desde as intervenções de Haussmann em Paris. Entretanto, desde os anos sessenta, ocorre um retorno no sentido da conservação do patrimônio arquitetônico e o fenômeno amplia-se com a instituição de uma verdadeira política do patrimônio. Atrás deste acesso de apego conservador, Françoise Choay distinguia a perda de um *savoir-faire* [saber fazer], assim como a incapacidade de nossa modernidade em refundar, conduzindo a uma fuga anterior, numa patologia ligada à perda de memória: *Se nós nos agarramos tão fortemente a este patrimônio do qual uma parte está condenada pelo tempo, é que não sabemos mais substituí-lo, continuá-lo*<sup>15</sup>. Françoise Choay denunciava nesta atitude a expressão de um narcisismo que morria pela sua própria contemplação e se arriscava gravemente a conduzir a uma esterilidade perigosa, a partir do momento em que a mesma se apresentava

<sup>10</sup> Françoise Choay, entrevista com o autor.

<sup>11</sup> FREUD, Sigmund. *Malaise dans la civilisation*. Paris: PUF, 1971.

<sup>12</sup> Françoise Choay, entrevista com o autor.

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund, *op. cit.*, p. 12.

<sup>14</sup> CHOAY, Françoise. *De la démolition. Métamorphoses parisiennes*. Paris: Mardaga, 1996, p. 11-28.

<sup>15</sup> *Idem, ibidem*, p. 20.

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel de. *Récits d'espace. L'invention du quotidien, op. cit.*, p. 172-173.

<sup>17</sup> Paul Virilio, entrevista com o autor.

<sup>18</sup> PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Galilée, 1974.

<sup>19</sup> *Idem, ibidem*, p. 44.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 85-86.

separada da ação. Um justo equilíbrio deve ser estabelecido entre demolição e conservação, da mesma forma que Freud nos mostra que a memória é sempre um equilíbrio precário entre a pressão das lembranças no presente e sua exclusão ilusória.

Essa abertura sobre o agir está na base da abordagem de Certeau do urbano. Para realizá-la ele antecipava uma distinção entre espaço e lugar:

*É um lugar a ordem (qualquer que ela seja) segundo a qual os elementos são distribuídos em relações de coexistência. Encontra-se aqui, então, excluída a possibilidade de duas coisas estarem no mesmo lugar. A lei do 'próprio aí reina'... Há espaço desde que se considere vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis... O espaço estaria em relação ao lugar da mesma forma que a palavra quando é pronunciada... Em suma, o espaço é um lugar praticado.<sup>16</sup>*

Certeau se apoiava na tradição fenomenológica, tal como a expressa Merleau-Ponty, quando distingue um espaço antropológico de um espaço geométrico. Desta forma, a noção de espaço remete a uma relação singular no mundo, à dimensão existencial de um lugar habitado.

É este deslocamento maior que seduz Paul Virilio, diretor desde de 1968, e por mais de trinta anos, da Escola Especial de Arquitetura de Paris. Ele convidou Certeau, em 1974, para proferir uma conferência: *Michel nos disse algo que não esqueci e que se tornou um grande ponto comum: 'É a atividade que qualifica o espaço'. Isto parece não ter grande importância, mas é uma frase que muda tudo<sup>17</sup>*. Enquanto os arquitetos se orientam pelo charme das lógicas geométricas que inspiram seus projetos, esta apreensão do espaço como espaço praticado, que só faz sentido pela ação que ele permite, modifica a perspectiva do pensamento do urbano.

Estas reflexões sobre o espaço praticado vão ao encontro da maneira pela qual Georges Perec revisita nosso universo familiar para tornar estranha sua funcionalidade. Em 1974, denunciava em *Espèces de espaces*<sup>18</sup> os diversos lugares de nosso cotidiano, da cama ao mundo, passando pelo quarto, pelo apartamento, pelo prédio, pela rua, pelo bairro, pela cidade, pelo país, pela Europa. Através de seu inventário das funções, ele fazia surgir uma impressão de estranhamento acerca daquilo que nos é mais familiar e revelava a discordância entre o que pode ser uma soma de funções e os modos de apropriação dos lugares que, sozinhos, podem lhes atribuir sentido pela diversidade das práticas. Assim, quando ele percorria um apartamento pelas suas diversas funções: *"Observar-se-à, neste modelo, do qual destaco o caráter ao mesmo tempo fictício e problemático ficando persuadido pela sua justeza elementar (ninguém vive exatamente desta forma, isto é claro, mas é entretanto desta forma, e não de outra diferente, que os arquitetos e os urbanistas nos vêem viver ou querem que vivamos)...<sup>19</sup>* Ao encontro também do modelo panóptico de denúncia da disposição dos corpos colocado pela modernidade tecnológica, Pérec demonstrava um otimismo convicto que as práticas sempre potencialmente novas suplantariam às lógicas funcionais limitadoras. Ele respondeu assim às denúncias do excesso de cimento armado, de asfalto, às lamentações sobre as cidades tentaculares, verdadeiros formigueiros, escrevendo: *A cidade está aí. Ela é nosso espaço e não temos nenhum outro. Crescemos nestas cidades. É nas cidades que respiramos. Quando tomamos o trem, é para ir de uma cidade à outra. Não há nada de desumano em uma cidade, senão nossa própria humanidade<sup>20</sup>*. Perec foi publicado por Virilio



na coleção “O espaço crítico” da editora Galilée e participavam juntos da revista *Cause commune* [Causa comum]. A convergência, não em termos de influências, mas na forma de uma proximidade casual, é surpreendente entre Virilio, Pérec e Certeau.

Certamente, havia mesmo alguns franco-atiradores no campo da geografia que pensavam o espaço urbano de outra forma que em termos de funcionalidade. Assim, Kevin Lynch foi o inspirador de numerosos estudos que pretendiam *acrescentar às análises funcionais habituais, o conhecimento das estruturas da paisagem, bem como sua percepção e memorização pelo cidadão usuário do espaço urbano*<sup>21</sup>. Na França, nos anos setenta, Michel-Jean Bertrand se tornou o divulgador das teses de Lynch<sup>22</sup>, apoiando-se também nos trabalhos de Abraham Moles, de Erving Goffmann e de Paul Virilio. Mas no conjunto, a Geografia, preocupada com as questões sobre o rural herdadas de Vidal, tarda a descobrir a cidade de uma outra forma que a de um lugar ameaçador para o equilíbrio da sociedade francesa. Estes monstros urbanos eram apresentados como cantos de sereia que arriscavam desencaminhar um mundo camponês que neles poderia perder sua alma. É apenas tardiamente, em 1968, com Paul Claval<sup>23</sup> que se observou a emergência de uma abordagem renovada do urbano, segundo o geógrafo Michel Lussault<sup>24</sup>. Compreende-se, nestas condições, que Certeau não encontra-se nenhum eco junto aos geógrafos franceses e não se interessa pelos trabalhos desta disciplina, que viveu recentemente uma mudança radical<sup>25</sup>.

A intervenção de Certeau no campo da reflexão sobre o urbano surgiu como um meteoro entre os urbanistas. Ele não era citado pelas revistas sobre urbanismo como *Annales de la recherche urbaine* [Anais da pesquisa urbana], *Espaces et sociétés, Diagonales* [Espaços e sociedades, Diagonais]: *É um pouco o homem invisível* segundo o diretor da revista *Urbanisme* [Urbanismo], Thierry Paquot<sup>26</sup>. Ele apareceu para os especialistas da cidade como um Ovni e sua reflexão neste ponto apresentava-se isolada, não estabelecendo nenhuma relação com o meio dos pesquisadores ligados às práticas do urbanismo. Thierry Paquot admite uma outra razão para explicar esta ausência de recepção, que dever-se-ia ao fato que Certeau não se interessar pela arquitetura, em si mesma, dos grandes conjuntos habitacionais ou pela arquitetura difusa das pequenas casas residenciais, mas concentrava sua atenção no *que se chama, na minha opinião, erroneamente, espaços públicos: as calçadas, as esplanadas, as praças, onde há trânsito e densidade*<sup>27</sup>. Em 1980, o encontro com urbanistas e arquitetos foi infrutífero, visto que aqueles que pareciam ser inovadores, como os fundadores da revista *Espaces et Sociétés* [Espaços e Sociedades], Paul Chemetov e Pierre Rigoulet, estavam ligados ao marxismo e procuravam, nesta perspectiva, uma reflexão renovada sobre a cidade.

No momento em que Certeau refletia sobre a cidade, sua referência maior, mencionada uma vez somente em nota e a respeito da vida cotidiana, é o filósofo Henri Lefebvre que teve um papel precursor na reflexão sobre o urbanismo<sup>28</sup>. De acordo com Lefebvre, assistia-se a uma urbanização completa da sociedade que deveria levar a mudança da noção de cidade segundo o velho esquema da oposição cidade/campo àquela do urbano. O que ele diz sobre isso não se distancia da abordagem de Certeau, sem que se possa atestar uma influência recíproca:

*O urbano poderia então se definir como lugar de expressão dos conflitos, invertendo a separação dos lugares em que desaparece a expressão, onde reina o silêncio, onde*

<sup>21</sup> BERTAND, Michel-Jean. *Pratique de la ville*. Paris: Masson, 1978, p. 13.

<sup>22</sup> LYNCH, Kevin. *L'image de la cite*. Paris: Dunod, 1969.

<sup>23</sup> CLAVAL, Paul. La théorie des villes. *Revue géographique de l'Est*, vol. 8, 1968, p. 3-56.

<sup>24</sup> LUSSAULT, Michel. La ville des géographes. In: PAQUOT, Thierry; LUSSAULT, Michel; BODY-GRENDOT, Sophie (dir.). *La ville et l'urbain. L'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 2000, p. 26.

<sup>25</sup> Ver: LÉVY, Jacques. *Le tournant géographique*. Berlin, 1999.

<sup>26</sup> Thierry Paquot, entrevista com o autor.

<sup>27</sup> *Idem*.

<sup>28</sup> LEFEBVRE, Henri. *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.

<sup>29</sup> LEFEBVRE, Henri citado por PAQUOT, Thierry, *op. cit.*, p. 418.

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien*, *op. cit.*, p. 148.

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, p. 148.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, p. 149.

<sup>33</sup> *Idem, ibidem*, p. 151.

<sup>34</sup> AUGOYARD, Jean-François. *Pas à pas*. Essai sur le cheminement quotidien en milieu urbain. Paris: Seuil, 1979.

<sup>35</sup> Jean-François Augoyard, entrevista com o autor.

<sup>36</sup> SANSOT, Pierre. *Poétique de la ville*. Paris: Klincksieck, 1971.

<sup>37</sup> AUGOYARD, Jean-François. *Pas à pas*, *op. cit.*, p. 7.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, p. 9.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p. 65.

*se estabelecem os signos da separação. O urbano poderia também se definir como lugar de desejo, onde esse desejo emerge das necessidades, se concentra porque se reconhece e onde se encontram talvez (possivelmente) Eros e Logos<sup>29</sup>.*

A cidade como lugar de desejo é também a abordagem de Certeau que valorizava nela o quadro de itinerários múltiplos. O espaço praticado para Certeau, se encarnava no caminhar de seus habitantes. Ele estabeleceu uma distinção entre a cidade, que considerava como uma língua, um campo de possíveis, e o ato de caminhar que a atualizava e advinha *de enunciações dos pedestres*<sup>30</sup>. A cidade estaria estruturada como uma linguagem, mas Certeau permaneceu fora do paradigma estruturalista dominante, graças a sua valorização do ato de enunciação, situando-se antes do lado de Benveniste. Ao contrário do espírito do tempo, ele valorizava o ato da fala e o prolonga pelo ato de caminhar; este ato *é para o sistema urbano aquilo que a enunciação (o speech act) é para a língua*<sup>31</sup>. Esta analogia entre a cidade/língua e o caminhar/fala permitia valorizar os processos de apropriação da topografia urbana pelos seus atores que se desenvolveriam a partir das relações possíveis entre os pólos diferenciados. Certeau se preocupava em seguir o caminhante na cidade como expressão de um perto e longe, de um *aqui* e um *lá*<sup>32</sup>, fonte de retóricas do caminhar: *Os caminhantes dos transeuntes apresentam uma série de voltas e desvios assimiláveis às maneiras ou às 'figuras de estilo'. Há uma retórica do caminhar*<sup>33</sup>.

Françoise Choay convidou Certeau para escrever o prefácio do livro de Jean-François Augoyard, publicado por ela em sua coleção da Editora Seuil.<sup>34</sup> Certeau tomou conhecimento do manuscrito e não deu continuação, respondendo que *Passo a passo é um desses livros que não se prefaciam*<sup>35</sup>. Este livro foi, para ele, decisivo na medida em que descreve os modos de apropriação do espaço urbano pelo caminhante em um ensaio de formalização das lógicas dos transeuntes. Jean-François Augoyard fez seus estudos de filosofia em Lyon com Gilles Deleuze e Henri Maldiney entre 1962 e 1968. Em 1969, chegava a Paris, à Sorbonne, para preparar a agregação e inicia os estudos de urbanismo em Evry, continuando-os em Grenoble, onde defendeu sua tese em 1975. Em 1971, descobriu com entusiasmo os escritos de Pierre Sansot<sup>36</sup> e iniciou uma grande pesquisa em Grenoble, no novo bairro de Arlequin, para aí reencontrar o vivido, as práticas de seus moradores. Seu primeiro princípio era estar atento ao que diziam os moradores; realizou quatrocentas entrevistas fundamentadas nos itinerários das pessoas em seu bairro. Seu estudo foi concebido como *um passo ao lado na problemática do urbano*<sup>37</sup>. Augoyard reorganizava seu *corpus* de entrevistas em função de um certo número de figuras retóricas reagrupadas em configurações singulares. A diferença em relação à sociologia clássica é radical, quantitativa ou qualitativa, pois privilegiava os modos de apropriação do sujeito morador em seu cotidiano, preconizando um estudo modal a despeito das hierarquizações causais, apresentado-se como uma *filosofia do resto*<sup>38</sup>. Neste bairro modelo de Arlequin, Augoyard reuniu também o ponto de vista dos urbanistas para compreender o que se passa entre espaço concebido e espaço vivido. Ele distinguiu, em seguida, algumas figuras elementares do caminhar. As duas figuras maiores eram aquelas do apagamento, que ele qualifica como assíndeto: *figura pela qual suprime-se as conjunções*<sup>39</sup>, os itinerários narrados não são feitos em uma marcha contínua, mas ao contrário, são pontuados de ausências, de amnésia, de lacunas e de esquecimento: *A mais bela frase que ouvi é a de uma mulher*

divorciada que acaba de chegar ao bairro. Ela é mãe de dois filhos e quer refazer sua vida. Durante um ano e meio, ela não fez nada, apenas algumas centenas de metros e me diz: “Quando eu for para todas as partes, eu serei eu mesma”. Ela ia ganhar sua nova identidade indo a toda parte<sup>40</sup>. A figura complementar era a da sinédoque que permitia as conjunções, as ligações, na qual a parte toma o lugar do todo. Nesta narrativa, pequenos detalhes eram investidos de uma capacidade em esclarecer o todo do trajeto: *Eu me lembro muito bem de um funcionário público que detestava seu bairro e acaba por mudar-se. Mas o que ele contava era fantástico. Ele fazia seus sessenta metros diariamente durante dois anos e interpretava os menores signos – uma simples poça d’água, como o anúncio de uma catástrofe – percebendo toda a vida do bairro a partir destes indícios*<sup>41</sup>. Por outro lado, ele encontrava pessoas que faziam quilômetros diariamente no grande parque do bairro de quinze hectares e só ofereciam narrativas muito pobres, como a do morador que dizia ir a toda parte, mas esclarecia *é meu cachorro que faz o caminho, pois pela manhã, eu durmo completamente*<sup>42</sup>. Augoyard realizou então um deslocamento radical do espaço concebido para o espaço vivido, a partir desta observação das práticas cotidianas dos moradores: *O estudo das caminhadas cotidianas indica haver muito mais movimento criador, de configuração e de tensão dinâmica no mais simples momento do habitar, que no processo mesmo que produz a construção contemporânea*<sup>43</sup>.

Esta formalização da pesquisa realizada por Augoyard é amplamente utilizada por Certeau, que se apaixonou por este trabalho antes mesmo de sua publicação. Ele convidou Augoyard a expor suas idéias em seu seminário na Universidade de Paris VII, em 1978, e eles continuaram a debater sobre o tema da parte existencial do habitar. Para Certeau, esta arte do caminhar remetia especialmente à sua abordagem da postura mística que escapava a qualquer lugar, a qualquer instituição e se encontra condenada a um incessante vagar: *Caminhar é perder o lugar. É o processo indefinido de estar ausente e em busca de um próprio*<sup>44</sup>. É graças ao caminhar que se opera a passagem ao outro e à faculdade de ser outro, a partir desta infância que se tornou ausente, mas que conduz a pisar, como diz Freud, sua terra natal. A cidade concebida, planejada, se transforma, então, nos passos de seus moradores, em cidade metafórica, carregada de uma rica polissemia de sentidos.

Se Certeau não era realmente lido pelos urbanistas, havia algumas exceções, como a solicitação de Michel Vernes de uma contribuição para a revista *Architecture intérieure/ Créé* [Arquitetura interior / Criado] por ocasião de um número sobre Paris<sup>45</sup>. Neste início dos anos oitenta, Certeau percebeu este retorno em curso, no final do qual, os projetos urbanos idealizados para o futuro eram cada vez mais substituídos por decisões de reabilitação do patrimônio urbano de uma cidade cada vez mais pensada no passado, como uma viagem às profundezas da história. Os prédios antigos de Paris só subsistiam como enclaves, relíquias de um exotismo do interior, ilhotas que se tornaram *citações heteróclitas, cicatrizes antigas; eles criam asperezas nas utopias lisas de uma nova Paris*<sup>46</sup>. A relação com os vestígios do passado, o legado memorial, instituiu desde estes anos, um futuro do passado e, sob uma forma estetizada, este fantasma foi nomeado patrimônio. Certeau lembrava que esta política de preservação quase museológica seguia a lei Malraux de 1962, que dizia respeito à proteção das arquiteturas antigas, correspondendo à vontade de transformar o patrimônio arquitetônico em imaginário. O que era ao contrário novo, a partir de 1980, era a aplicação desta renovação não somente aos monumentos históricos públicos, mas a

<sup>40</sup> Jean-François Augoyard, entrevista com o autor.

<sup>41</sup> *Idem*.

<sup>42</sup> *Idem*.

<sup>43</sup> AUGOYARD, Jean-François, *Pas à pas*, op. cit., p. 165.

<sup>44</sup> CERTEAU, Michel de, op. cit., 155.

<sup>45</sup> CERTEAU, Michel de. Les revenants de la ville. Paris, le retour de la ville. *Revue Architecture intérieure/ Créé*, n. 192-193, janvier-février 1983, p. 98-101; retomado em *Traverses*, n. 40, avril 1987, p. 74-85.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, p. 75.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, p. 77.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*, p. 77.

<sup>49</sup> CERTEAU, Michel de. *L'imaginaire de la ville, fiction ou vérité du bonheur?*. *Recherches et débats*, n. 69, *Oui au bonheur*, 1970, p. 67-76; retomado em *La culture au pluriel*. Paris: Seuil, 1987, p. 33-44.

<sup>50</sup> CERTEAU, Michel de. *Les revenants de la ville*. *Traverses*, *op. cit.*, p. 84.

<sup>51</sup> Pierre Mayol, entrevista com o autor.



mais simples habitação que se integrava em uma política de preservação dos lugares de memória. Esta nova política do espaço urbano se preocupava em organizar, no sentido antigo de cuidar, dos lugares que não haviam passado pelo processo de modernização e que fundamentavam o espírito, o imaginário, quase como personagens, organizando a narração e a identidade do romance da cidade, *personagens ocultos*. *As docas do rio Sena, monstros paleolíticos encalhados nas margens. O canal Saint-Martin; brumosa citação da paisagem nórdica. As casas abandonadas da rua Vercingétorix...*<sup>47</sup>. Certeau fazia uma analogia entre aquilo em que se transformaram estes espaços-testemunhas de um passado tornado indecifrável e *aqueles deuses da antiguidade, os espíritos do lugar*<sup>48</sup>. Esta polifonia urbana, que faz se justapor temporalidades diferentes em um mesmo lugar, onde o passado é conjugado no presente, constitui-se em torno de um certo número de engrenagens (de *shifters*) que representam justamente estas casas reabilitadas enquanto meios de preservar um intercâmbio entre memórias diferentes no seio da grande cidade. Todavia, Certeau alertava sobre essas operações de reabilitação que desalojavam os usuários habituais para substituí-los por uma clientela mais abastada em um processo de museificação da cidade, colocando o Estado frente à alternativa de se transformar suas cidades em museu ou deixar livre curso à lei do mercado. Distanciando-se deste dilema estéril, Certeau abriu uma terceira via, cujas linhas já traçara em 1970, a da manifestação da linguagem do imaginário urbano<sup>49</sup>. São os gestos, as práticas, as artes de fazer e as narrativas do cotidiano que constituem os verdadeiros arquivos urbanos. À cidade visível, as artes de “fazer com” acrescentam o que Calvino chamou de “cidades invisíveis”, este imaginário da cidade que a torna credível: *Morar, é narrar. Fomentar ou restaurar esta narratividade, é também uma tarefa de reabilitação*<sup>50</sup>. A cidade é o campo fechado de uma verdadeira guerra de narrativas, das quais cada um de nós é o portador de uma memória específica e cuja tessitura constitui a densidade histórica de cada cidade.

Esta prospecção das práticas urbanas estava também relacionada à pesquisa institucional conduzida por Certeau no âmbito do serviço de Augustin Girard no Ministério da Cultura. Um dos amigos e colaboradores desta pesquisa para a DGRST era Pierre Mayol, que escolheu como tema de pesquisa as práticas na cidade a partir das relações estabelecidas entre o bairro e o espaço privado. Pierre Mayol participava ativamente do seminário de Certeau na Universidade de Paris VII. A pesquisa que desenvolveu ia se transformar em sua tese de terceiro ciclo de etnologia, orientada por Certeau e defendida em maio de 1978. Quando Pierre Mayol iniciou sua pesquisa urbana em Lyon, ele já conhecia Certeau há muito tempo, pois também entrara na Companhia de Jesus, onde teve sua formação entre 1964 e 1974. Depois de um ano de teologia em Fourvière, ele deixou a Companhia, sem ser ordenado padre, com um bom número de jesuítas, dentre eles Pierre Lardet. Ele se encontrou com Certeau pela primeira vez quando fazia o seu noviciado em Aix en Provence: *Eu me lembro muito bem da cena. Era na primavera de 1966. Estávamos todos sentados no jardim, tomando nosso café e escutávamos o padre Certeau, vindo como representante da revista Christus*<sup>51</sup>. Depois Mayol tornou-se educador em um colégio jesuíta, continuando seus estudos universitários em Letras na Faculdade de Aix. Ele revê Certeau pouco tempo depois em Chantilly, onde ele estudava filosofia em 1969-70 e assistiu a uma de suas intervenções sobre a América Latina, por ocasião da projeção do filme de Glauber Rocha, “Deus e o diabo na

terra do sol”: *Era o Certeau que conhecíamos, com seu lado nervoso e instável, instigante, esta maneira de falar adiantando a mão como se tivesse uma espada de esgrima, uma lança, um florete na mão. Ele encantou todo mundo com sua erudição e sua capacidade de análise*<sup>52</sup>. Quando ele esteve na rua Blomet entre 1970 e 1973, as relações de amizade se estreitam verdadeiramente entre Certeau e Mayol no período de formação parisiense, deste último. Ele ia freqüentemente vê-lo na rua Monsieur nos *Études* e, foi numa destas visitas que apresentou Certeau a Pierre Lardet.

Pierre Mayol era, de longa data, apaixonado pelo espaço urbano: *Eu sou alguém do asfalto, o campo me deprime*<sup>53</sup>. Participando do pequeno núcleo de colaboradores de Certeau, para a pesquisa sobre as práticas culturais, decidiu trabalhar a noção de bairro e escolheu um velho bairro que conserva ainda uma certa homogeneidade, o da Croix Rousse, em Lyon. Ele foi morar neste bairro, que conhecia bem, e fez muitas entrevistas com seus moradores. A partir deste *corpus*, ele inventou uma família que sustentava a trama narrativa de seu longo estudo sobre o “Morar”, no segundo volume de *A invenção do cotidiano*<sup>54</sup>. Mayol partia da definição dada por Henri Lefebvre de bairro como *uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado*<sup>55</sup>. O que o interessava, assim como a Certeau, era estudar a multiplicidade dos modos de apropriação do espaço praticado, valorizando as relações entre o espaço privado e o espaço público, os percursos empreendidos pelos usuários para passar de um ao outro. Mayol propunha uma problemática original articulada em torno de um certo número de noções como a de “regulação”, que lhe permitia perceber o registro dos comportamentos visíveis no espaço social da rua com os benefícios simbólicos esperados. Ele utilizou também o conceito de “conveniência” que *é, ao nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada um, renunciando à anarquia das pulsões individuais, dá créditos à vida coletiva, com o objetivo de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente diferenciados no tempo*<sup>56</sup>. Desejando restituir os percursos dos membros da família estudada, Mayol mostrava em que medida o bairro pode ser percebido como uma forma de privatização do espaço público, um espaço intermediário entre o fora e o dentro e, é a tensão mesma que religa estes dois pólos que torna possível a realização dos modos de apropriação do espaço urbano. O bairro é também um misto entre o próximo e o distante, entre o íntimo do domicílio e o anonimato da multidão, em torno da noção intermediária de vizinhança. Ele retomava de Certeau o uso da tática para descrever as práticas do bairro pelos seus usuários, para quem o espaço urbano não é somente objeto de conhecimento, mas sobretudo *o lugar de um reconhecimento*<sup>57</sup>. O bairro, lugar de trajetórias individualizadas conduz cada um a obrigações, ao respeito dos códigos sociais centrados na questão do reconhecimento: *A prática do bairro é uma convenção coletiva tácita*<sup>58</sup>. Estas convenções remetiam à conveniência pela qual o usuário, reconhecido e designado, punha em cena seu próprio corpo no espaço público. Esta conveniência obriga o morador a se enquadrar nos planos mentais estabelecidos e nas regras em uso, forçando assim a evitar toda percepção dissonante, visto que a proximidade própria do bairro cria uma visibilidade, uma transparência imediata do modo de ser, do comportamento do usuário: *A conveniência é o rito do bairro*<sup>59</sup>. Retomando a tensão entre o dizer e o fazer, tão trabalhada por Certeau, Mayol a deslocou, com relação à vida do bairro, para situá-la *entre o dizer e o calar*<sup>60</sup>, constitutiva da troca segundo a qual se sabe bem que aquilo do que se fala não é aquilo do que se trata. O estudo

<sup>52</sup> *Idem.*

<sup>53</sup> *Idem.*

<sup>54</sup> MAYOL, Pierre. Habiter. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *L'invention du quotidien*. (tomo 2) Habiter, cuisiner. Paris: Gallimard, (Coll. Folio, 1980), 1994, p. 15-185.

<sup>55</sup> LEFEBVRE, Henri citado por MAYOL, Pierre, *idem, ibidem*, p. 20.

<sup>56</sup> MAYOL, Pierre. *L'invention du quotidien*, (tomo 2), *op. cit.*, p. 17.

<sup>57</sup> *Idem, ibidem*, p. 24.

<sup>58</sup> *Idem, ibidem*, p. 26.

<sup>59</sup> *Idem, ibidem*, p. 31.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem*, p. 33.

<sup>61</sup> BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Paris: Droz, 1972, p. 203.

<sup>62</sup> MAYOL, Pierre. *L'invention du quotidien*, (tomo 2), *op. cit.*, p. 112.

<sup>63</sup> GIARD, Luce. *Histoire d'une recherche. L'invention du quotidien*, (tomo 2), *op. cit.*, p. XXII.

<sup>64</sup> GIARD, Luce. *L'invention du quotidien*, (tomo 2), *op. cit.*, p. 226.

<sup>65</sup> BOURDIEU, Pierre. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979.

de Mayol privilegiava os processos finos da interação social, mas não apontava o modelo de Bourdieu como alternativo ao seu procedimento. Ao contrário, ele mobilizava o que Bourdieu chamava de *gramática semi-erudita das práticas que nos lega o senso comum*<sup>61</sup>. Ele considerava mesmo de maneira complementar o estabelecimento desta sintaxe e seu desdobramento pela descrição de sua ação nas práticas em si mesmas. Certeau interessou-se por todas as noções apresentadas por Mayol em seu estudo de caso do bairro do Croix Rousse: a conveniência, o reconhecimento, o dizer e o calar...

Entre a galeria de retratos de família pintada por Mayol, a figura mais colorida era a de Robert o quitandeiro que estava no centro do lugar social do bairro. Sua quitanda era o único vestígio que resistiu à tempestade que levou os pequenos comércios. Ele ficou como testemunha de um passado revolvido, mas que atestava uma memória coletiva, um vivido comum que se reduzia e se concentrava em sua quitanda, onde sua receptividade e seu sentido do contato fundamentavam sua popularidade, aquela de um "Robert universal" do bairro, como o qualificava uma freguesa; verdadeira fortaleza da resistência às demolições suscitadas pela modernização. Adulado, consagrado como o próprio corpo da memória coletiva, Robert conhecia todos os seus fregueses como membros de sua própria família e soube adaptar sua quitanda às obrigações da distribuição moderna. Além de sua função de comerciante, Robert tornou-se, ao longo dos anos, o confidente de todos os problemas vividos no bairro, segundo regras estreitas de convivência particulares: *O enunciado das confidências na quitanda repousava sobre a ilusão, a elipse, a litote, o eufemismo*<sup>62</sup>. Lugar de comércio, sua quitanda era também o grande lugar do discurso e das trocas de notícias. Ela era também o quadro de um controle implícito das práticas sociais como o consumo de álcool. Uma regulação controlada de toda compra excessiva era interiorizada por todos os fregueses cuja compra era imediatamente visível e exposta ao comentário. Certamente, este controle não tomava jamais a forma de uma proibição ou de um discurso moralizante, mas nem por isso se mostrava menos onipresente no olhar que impunha o respeito às conveniências de um consumo razoável, pelo qual o equilíbrio do bairro se preservava.

A segunda parte do estudo da exploração das práticas cotidianas estava consagrada por Luce Giard, de acordo com seu desejo, ao espaço doméstico e às artes da cozinha: *Eu escolhi a cozinha pela sua necessidade primeira, sua capacidade de atravessar todos as clivagens e sua relação intrínseca com a ocasião e a circunstância; duas noções tornadas centrais na nossa compreensão dos praticantes*<sup>63</sup>. Na pesquisa com as mulheres sobre o universo familiar da cozinha, o objetivo era o mesmo de Pierre Mayol, fazer ressurgir a inquietante estranheza daquilo que aparecia o quadro da cotidianidade a mais banal, com seu gestual aparentemente insignificante como aparecia na tela do filme hiperrealista de Chantal Akerman, *Jeanne Dielman*. Estes *savoir-faire*, estas práticas do cotidiano estão geralmente confinadas ao domínio do imperativo, do necessário, do instrumental e desprezados como tal. Luce Giard fez valer a parte do saber transmitido, da memória múltipla, da inteligência programadora, da engenhosidade criadora ou ainda das astúcias incessantes que cristalizavam as práticas culinárias. Este estudo reflexivo comportava também a publicação de algumas das longas entrevistas realizadas por Luce Giard e Marie Ferrier, afim de melhor ouvir *as vozes femininas*<sup>64</sup>. Luce Giard se mostrava mais crítica que Pierre Mayol a respeito das teses de Bourdieu. Ela reprovava o modelo de *A distinção*<sup>65</sup>, segundo o

qual haveria estrita equivalência entre o fato de pertencer a esta ou aquela categoria social e os gostos culturais, sua negação principal de qualquer forma de inventividade ou de distanciamento possível: *A inventividade do grupo ou do indivíduo é assim antecipadamente recusada, nada de novo que importe verdadeiramente pode advir*<sup>66</sup>. Luce Giard lembrava que as tradições culinárias eram componentes essenciais do universo cultural, e que a gestão metódica do tempo implicada na arte de cozinhar mobilizava todas as técnicas memoriais, bem como as gestuais que desenvolviam uma técnica do corpo na sua disposição em executar as tarefas a partir de *savoir-faire* [saber fazer] preciso. Como em relação ao bairro, a modernidade atingiu o gosto pelo trabalho bem feito e fonte de orgulho de seu artesão. A padronização e a fragmentação levaram à inserção do universo da cozinha na esfera da repetição de gestos automatizados, em benefício entretanto de um ganho de tempo apreciável. Aí ainda Luce Giard, como Mayol e Certeau, se recusava a qualquer forma de aflição, recusando com o mesmo vigor a postura nostálgica como também aquela que se comprazia com uma tábua-rasa dos saberes ancestrais: *Entre os erros simétricos da nostalgia arcaica e da super modernização frenética, sobra lugar para micro invenções, para a prática da diferença raciocinada*<sup>67</sup>.

Estes estudos sobre as práticas urbanas, surgidos em 1980, forma iniciadores de um movimento maior que conduziu atualmente toda a profissão, dos urbanistas aos geógrafos, a se interrogar sobre os modos de apropriação dos atores, sobre as modalidades da narração, do morar no sentido fenomenológico do termo. Parte-se, atualmente, desta idéia importante para Certeau, segundo a qual habitar não é somente situar-se em um território, mas habitar uma língua e expressá-la por um discurso.

Jean-François Augoyard, cujos trabalhos foram tão sugestivos para Certeau em sua problemática dos percursos urbanos, da retórica do pedestre, dá continuidade, atualmente, às suas pesquisas no âmbito da acústica urbana, do ambiente sonoro. Esta nova investigação, que tem como objetivo a identificação das configurações sonoras, foi também objeto de trocas bem sucedidas com Certeau. Em 1979, Augoyard entrou no CNRS [Conselho Nacional de Pesquisa Científica] e encontrou na Escola de arquitetura de Grenoble um especialista em acústica apaixonado pelos problemas cotidianos. Juntos, criaram um laboratório especializado nesta área, o CRESSON<sup>68</sup> que toma amplitude inesperada, reunindo arquitetos, especialistas em acústica, musicólogos, etno-musicólogos e psicólogos: *Encontramos essa idéia, cara à Certeau, revestida de uma verdadeira competência que não é instrumentalizada por uma ciência*<sup>69</sup>. Augoyard inverteu a perspectiva clássica que dominou os anos setenta e que denunciava os ruídos sonoros, os barulhos da cidade, para se proteger dos mesmos, remediando-os por meio de respostas globais. Ele deslocou a abordagem partindo dos processos de subjetivação e das representações sociais. O Centro de pesquisa desenvolveu então os estudos em termos de interações entre as formas de sociabilidade e ambiente sonoro. Responsável por um seminário em 1985, em Paris, sobre “Ambiente sonoro e sociedade”, Augoyard convidou Certeau e Jean-Paul Aron a colaborar na dimensão antropológica do problema. Ele definiu aí um programa de pesquisa que articulava ambiente sonoro e vida urbana pelo estudo da função dos sons e dos barulhos da cidade na organização social dos modos de vida, a evolução da cultura sonora ordinária em função dos objetos técnicos contemporâneos, o papel simbólico

<sup>66</sup> GIARD, Luce. *L'invention du quotidien*, (tomo 2), *op. cit.*, p. 257.

<sup>67</sup> *Idem, ibidem*, p. 301.

<sup>68</sup> CRESSON: Centro de pesquisa sobre o espaço sonoro e o ambiente urbano.

<sup>69</sup> Jean-François Augoyard, entrevista com o autor.

<sup>70</sup> *Idem.*

<sup>71</sup> *Idem.*

e os rituais sociais na percepção sonora e as apostas sociais e urbanas em torno da prática da melhoria sonora do quadro de vida.

Augoyard conduziu, assim, ao deslocamento da problemática até então em uso no estudo destes fenômenos de ruídos, de um ambiente sonoro pretendido como fenômeno global, esperava trazer uma resposta simples, ao mesmo tempo normativa e técnica. Ele mostrava ser conveniente admitir a pluralidade das situações, sua complexidade e o fato que cada uma delas solicita uma resposta apropriada. Ele encontrava, assim, sua idéia inicial dos caminhos individualizados, “o passo a passo” dos efeitos sonoros que vão do efeito simples de reverberação às estruturas mais complexas. Este efeito de reverberação é bem conhecido pelos especialistas em acústica, mas também pelos especialistas em mitos, pois todo ritual põe em cena a reverberação, a voz e seu duplo que a amplifica. Augoyard insiste então na positividade social do som, tanto no universo religioso quanto no político e, claro, no psicológico: *O que me interessa é pesquisar estes efeitos de reverberação. As crianças brincam muito com isso, em particular para reforçar a imagem de si mesmas, mas quando adultos, nós também precisamos disto*<sup>70</sup>. Sobre esta unidade elementar da reverberação se inseriam cerca de vinte efeitos maiores e não menos uma centena de menores, dentre os quais os efeitos semânticos. Longe de reduzi-los a ruídos nocivos, Augoyard percebeu como *uma emoção ressentida a partir de barulhos de uma obra pode ser um sublime do ordinário*<sup>71</sup>. Esta prospecção do ordinário urbano em todas as suas dimensões se abre, então, da mesma forma que para Certeau, sobre uma poética da cidade, sobre uma visão encantada da multidão em marcha.



*Tradução e publicação autorizados pelo autor em jan. 2004.  
Artigo publicado originalmente em ArtCultura, n. 9, jul.-dez. 2004.*